

Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

1º capítulo - Resgate histórico da vivência judaica no Brasil

Judeus do Egito no Rio de Janeiro: uma imigração peculiar (1956/1957)

Joëlle Rouchou

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROUCHOU, J. Judeus do Egito no Rio de Janeiro: uma imigração peculiar (1956/1957). In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 174-188. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Judeus do Egito no Rio de Janeiro: uma imigração peculiar (1956/1957)

*Joëlle Rouchou*¹

Brisa fresca do Mediterrâneo. Praias lotadas. Sucos de frutas frescas. Noites estreladas e harmonizando todas essas imagens, o cheiro de jasmim que perpassava toda Alexandria. Essas imagens e cheiros estão presentes na memória dos imigrantes judeus do Egito que foram expulsos de seu país natal logo após a guerra do Canal de Suez, em 1956. Cerca de 400 vieram para o Brasil, que naquele momento abria possibilidade de nova vida, com um presidente – Juscelino Kubitschek – concedendo vistos de entrada aos refugiados. Sem muito planejar a vinda, eles desembarcaram num país onde foram aceitos, que os acolheu, a quem permanecem gratos.

Esse texto é parte da tese de doutorado a ser defendida na ECA/USP em 2003, que trata da imigração dos judeus do Egito para o Rio de Janeiro nos anos 56/57. Dentro do imenso panorama da imigração no Brasil, a pesquisa vai estudar o caso desses judeus que já haviam migrado de outros países para o Egito e, mais uma vez, tiveram de trocar seus endereços. Essa história é contada em depoimentos orais nos quais se registra o sofrimento desse grupo de pessoas que migrou para o Rio de Janeiro.

Vieram todos de Alexandria ou do Cairo, com pouco dinheiro no bolso, largando seus bens, lojas, sinagogas, clubes e amigos para trás. A recorrência à história oral advém de seu potencial para aproximar experiências vividas no presente com lembranças do passado nas quais aparecem com ênfase dimensões da identidade forjada entre esse grupo a partir de seus referenciais étnico-culturais, de suas afinidades alimentares, religiosas, celebrações e relações com o universo próximo e distante pautados no ser imigrante judeu.

Nossa narrativa tem como ponto inicial de referência a guerra do Canal de Suez (1956/1957) que forçou a saída de todos os estrangeiros do Egito. O grupo era composto por famílias que vieram juntas de navio. A

¹ Jornalista, doutoranda ECA / USP

maioria era de comerciantes, professores, músicos, de classe média. Seus relatos contam suas vidas e adaptação ao Rio. Os imigrantes foram selecionados em diversas faixas etárias para conhecer como é transmitida essa memória. Qual Egito é percebido e apreendido por eles? Como viviam antes? Como foi a travessia? Como foi chegar? Por que escolheram o Brasil? Arreperderam-se dessa escolha? O que significa ser judeu no Egito? E judeu do Egito no Rio de Janeiro?

Provavelmente nem todas as perguntas serão respondidas uma vez que ainda estou trabalhando na pesquisa de campo e colhendo depoimentos. Iremos nos limitar aqui a conhecer a história da vinda de seis imigrantes. Para a tese serão doze. Percebemos que as identidades se misturam, há alternância de pertencimentos, ora são cariocas, ora são judeus, em outros momentos são árabes. A fala revela essas diferenças. Se a língua desse grupo era o francês, ela vem misturada em seus relatos com palavras em árabe e, cada vez mais, expressões em português. Os depoimentos são dados em francês, apesar de minha primeira pergunta ser feita em português, a saber, como foi a vinda ao Brasil. A língua da memória, da afetividade, da resistência, é a francesa. Como também faço parte desse grupo – eu mesma nasci no Egito, e vim com meus pais em abril de 1957, então com três meses de idade – eles preferem falar na língua materna, na qual se sentem mais confortáveis. Outras questões identitárias, culturais são fundamentais para o trabalho, mas não daremos conta nesse espaço de cobrir todas elas como a culinária e os hábitos religiosos. Optamos pelo ponto que consideramos o impulso de todas as questões: a expulsão do Egito e como isso repercute em cada um.

Antes de ouvirmos as vozes dos entrevistados, iremos viajar até o Egito para conhecer a trajetória dos judeus no Egito, uma relação conturbada, por momentos feliz e harmônica e, em outros, cruel e ingrata. Em permanente tensão.

Judeus no Egito

A comunidade judaica no Egito é uma das mais antigas da diáspora. Antes da destruição do primeiro Templo por Nabucodonosor em 586 a. C., já havia judeus no Egito, “trazidos pelo fundador da 26a Dinastia, Psamético I

(664-610 a. C.) para integrar suas tropas mercenárias, juntamente com marinheiros e mercadores fenícios”².

Em 1517, os turcos otomanos conquistaram o Egito dos mamelucos que ficou por mais de trezentos anos como uma das províncias do Império Otomano. “Os otomanos, no auge de seu poder, foram tolerantes e os judeus ocuparam posições importantes na administração financeira e na arrecadação de impostos. Quase todos os governadores turcos enviados ao Egito (pelo Sultão) entregavam a responsabilidade da administração financeira a agentes judeus que eram conhecidos como ‘sarraf-bashi’ (turco: chefe dos tesouros ou chefe tesoureiro). Esses ‘ministros das finanças’ arrecadavam os impostos e eram os encarregados da casa da moeda. Os governadores tinham também médicos judeus que eram designados a altos cargos no governo”³.

Durante o governo do Sultão Suleiman o Magnífico (1520-1566) havia paz e segurança para os habitantes do Império e em consequência uma expansão econômica (e agrícola) e um aumento da população. Ele introduziu as ‘capitulações’ que eram pactos, ou contratos entre os sultões otomanos e os países cristãos da Europa, em relação aos direitos dos súditos de cada um, quando residindo no país do outro. Muitos judeus que imigraram de fora dos domínios otomanos foram beneficiados por esses acordos que tinham grande importância para sua situação legal. Eles assim obtiveram o status de pessoas protegidas e lhes foram garantidos direitos extraterritoriais e proteção contra ataques à propriedade e à vida. Já no final do século XVI, os sultões otomanos introduziram as leis discriminatórias em relação aos adeptos de todas as religiões não muçulmanas, que eram considerados infiéis. “A tirania do governo turco e o declínio político-econômico do Império, afetaram o nível cultural do judaísmo egípcio e a comunidade não mais foi liderada, como no século XVI, por renomados rabinos”⁴.

As condições econômicas e políticas dos judeus do Egito não melhoraram até o início do séc XIX com a introdução de reformas econômicas pelo governador Muhammad Ali (1805-1849). Como resultado dos programas de desenvolvimento do governo de Muhammad Ali, a

² LEFTTEL, Ruth *A comunidade sefardita egípcia de São Paulo*; tese de doutoramento, História/USP maio de 1997.

³ Idem

⁴ Ibidem

economia do Egito floresceu e imigraram ao Egito judeus de países europeus. Nesse período, os judeus tinham função central nas atividades de desenvolvimento do país. Eles auxiliaram no estabelecimento de indústrias e juntamente como os coptas tornaram-se a viga mestra do negócio bancário internacional que atuava no Egito.

Os conflitos mais radicais só começariam na segunda metade do século 20, mas se estenderiam a praticamente todos os países onde os judeus viviam no Oriente Médio e no Norte da África. Esses conflitos foram consequência do nascimento do nacionalismo árabe, de um lado e nacionalismo judeu, do outro. “A medida em que se definiam as perspectivas da criação de um Estado judeu na Palestina, o relacionamento entre judeus e muçulmanos foi se tornando cada vez pior”⁵. Após a construção do Canal de Suez em 1869 e o rápido desenvolvimento que o Khedive Ismail conseguiu de 1863 a 1879, muitos estrangeiros estabeleceram-se no Egito, incluindo judeus de países da Europa, da África e da Ásia. “De um censo realizado em 1897 verifica-se havia neste ano 25.200 judeus no Egito, dos quais 12.507 eram cidadãos estrangeiros”⁶. Com a ocupação britânica do Egito em 1881, a situação dos estrangeiros, entre os quais os judeus, melhorou ainda mais. Estes foram ocupando lugar de destaque na economia e na sociedade. Assim, no período que vai do final do século XIX até a primeira metade do século XX, os judeus participaram enormemente do desenvolvimento econômico do país, apesar de serem população minoritária.

Esse modelo efêmero de convivibilidade vai ser interrompido, entre outras causas, por um movimento de nacionalismo árabe – WAFD – cl wafd el Mizri (Delegação do Egito). Em novembro de 1918, um grupo de políticos uniu-se para representar o povo egípcio numa delegação Wafd em Londres nas negociações de paz, após o colapso do Império Otomano. “Esta delegação deu origem ao movimento que foi iniciado por Saad Zaglul (1860-1927) e direcionando principalmente contra o Protetorado da Grã-Bretanha (que começou em 1914 e terminou em 1922) e em segundo plano contra o Rei Fuad do Egito”⁷.

⁵ DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. São Paulo, Tese de Doutorado, Dept. de Demografia, IFCH/UNICAMP, 1999.

⁶ LEFTTEL *Op. cit.*

⁷ Idem

O poder no Egito no final do século XIX, virada do século XX, era exercido, de fato, pelas múltiplas comunidades instaladas no Cairo e em Alexandria. A cada negócio ou transação de qualquer espécie, constituía-se uma comissão mista que convocava os representantes de cada comunidade que buscava trazer à ordem. Segundo Robert Ilbert “as fundações comunitárias e as sociedades beneficentes tinham um papel central. Elas compensavam o poder ausente. Eram organizadas seja sobre um suporte religioso, seja um suporte nacional, e foram quase todas criadas após 1860⁸.” O puzzle sobre o qual o Egito liberal ia se construir estava sendo composto⁹.

Antes dos conflitos do século XX, os judeus do Egito não estavam sujeitos a limitações geográficas, econômicas ou ocupacionais. Não havia profissões interditas nem lugares proibidos. Embora tendessem a se aglomerar em bairros próprios nas cidades muçulmanas, isto constituía um processo espontâneo e não uma restrição. Concentravam-se nas ocupações que envolviam contato com os “infiéis”, e, portanto, desprezadas pelos muçulmanos, como a diplomacia e os negócios bancários¹⁰. A hostilidade contra os judeus vai aparecer quando da questão da partilha da Palestina e terá sua explosão na guerra do Canal de Suez. Não parece que as diferenças religiosas entre os nativos e os estrangeiros fossem a base dos conflitos, uma vez que houve momentos de harmonia entre as diversas etnias, nacionalidades e crenças.

A partir do final da Segunda Guerra, começam perseguições à comunidade sefaradita egípcia, que em 1948 contava com 75 mil indivíduos. Após a guerra de independência de Israel esse número cai para 40 mil em 1955, para chegar em 1982 com 250 indivíduos¹¹.

Logo após a Guerra de 1956, o governo tomou medidas drásticas contra os cidadãos de nacionalidade inglesa ou francesa, muitos foram detidos e expulsos do Egito e suas propriedades confiscadas, e contra a comunidade judaica simpatizante ao sionismo. Boa parte dos líderes judeus do Cairo e Alexandria foi presa. Metade dos quase mil detidos ou presos foi

⁸ ILBERT, Robert *Alexandrie: 1830-1930* Cairo: IFAO (Institut Français D'Archéologie Orientale) 1996. Vol I;

⁹ idem.

¹⁰ in Lewis, 1990, p. 33, citado in DECOL, *Op. cit.*

¹¹ Extraído do American Jewish Year Book – vol.50 (1948-1949) Jewish Population of the World, in Leftel, R *opus cit.* p.65.

confinada numa escola judaica do Cairo. Outros 500 chefes de família foram intimados a comparecer a postos policiais, nos quais lhes foi ordenado deixar o país – muitos sozinhos, sem poder avisar a família – em dois até, no máximo, sete dias. Suas contas bancárias foram congeladas e suas propriedades sequestradas e colocadas sob custódia do Ministro das Finanças. Essa Proclamação veio acompanhada de uma lista de mais de 400 nomes, dos quais pelo menos 95% eram judeus. Esses indivíduos representavam a maior parte da vida econômica judaica no Egito e suas contribuições eram a sustentação principal das instituições religiosas, sociais, educacionais e de beneficência judaicas. Houve também demissão em massa de judeus de seus empregos; firmas foram sequestradas. A deportação continuou em 1957, enquanto outros foram compelidos a abandonar o país após serem despojados de seus meios de subsistência¹².

Essa pequena contextualização mostra o momento em que a imigração dos judeus do Egito vem para o Rio de Janeiro. Com prazos exíguos para deixarem seu país – até então – os judeus mandaram para diversos consulados seus pedidos de visto: EUA, Canadá, França, Brasil. O Brasil vai receber esses imigrantes com vistos concedidos pelo presidente Juscelino Kubitschek. “Em setembro de 1956, o então presidente Juscelino Kubitschek interveio pessoalmente, a pedido da United Hias Service, no Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), para que este autorizasse a imigração de mil famílias da África do Norte, principalmente do Marrocos. Como consequência da Guerra do Sinai, para os judeus egípcios (...) a HIAS, (...) intercedeu perante o governo marroquino, com o auxílio do Embaixador da Espanha em Marrocos, para que este permita transferir a quota dos judeus marroquinos para os judeus do Egito¹³.”

Segundo Leftel, a embaixada brasileira no Cairo tinha a instrução de não limitar o número de vistos, porém de emití-los ordenadamente, para que houvesse infraestrutura para recebê-los. A única exigência do governo brasileiro era a apresentação de um atestado de saúde e outro de idoneidade moral, sendo para este último importante não ter sido o imigrante comunista. O governo egípcio permitiu que os emigrantes levassem apenas 20 libras egípcias por pessoa (cada libra valia de 3 a 4 dólares na época). Além das 20 libras foi lhes permitido levar objetos de uso próprio, porém

¹² LEFTTEL, R *Op. cit.*

¹³ LEFTTEL, R *Op. cit.*

nada de valor (jóias, obras de arte, etc.). Por esta razão, foram forçados a vender seus bens a preços irrisórios, para poder pagar a passagem até o porto europeu, do qual a HIAS encarregou-se de trazer a maioria ao Brasil e comprar provisões para a viagem, roupas e utensílios. Os imigrantes receberam visto permanente. A maioria destes imigrantes, em torno de 60%, era apátrida, uma parte tinha nacionalidade italiana (20% aproximadamente), outra parte (15% aproximadamente) nacionalidade francesa e os 5% restantes tinham nacionalidade grega, espanhola ou britânica, enquanto um número bem reduzido tinha nacionalidade tunisiana ou marroquina. Apenas duas famílias tinham nacionalidade egípcia¹⁴.

Decol¹⁵ analisa dados do censo e concluiu que não foram apenas os judeus vítimas do nacionalismo árabe. Outras minorias em terras árabes, como cristãos, foram igualmente atingidas. Em sua tese, demonstra que 19,41% dos nascidos no Egito que chegaram ao Brasil a partir dos anos 20 eram católicos, proporção praticamente igual à de judeus (39%), ficando outras religiões com 20%. Em termos de período de chegada, destaca-se a década de 50, especialmente a segunda metade, e os anos 60. Mais de 70% dos egípcios residentes no Brasil por ocasião do censo de 1991 declararam ter chegado ao país entre 1950 e 1964, independente da religião.

História oral resgata relatos familiares

Nem todas as perguntas formuladas neste trabalho serão respondidas a contento, mas ouvir a voz desses imigrantes – que acredito mais correto serem chamados de refugiados do governo Nasser – é cumprir com o objetivo primordial da História Oral: dar voz aos esquecidos. Munida do poder que somente a História Oral outorga, ouvimos os relatos de imigrantes egípcios no Rio de Janeiro, e – milagre da História Oral – é possível perceber as sutilezas no tom das vozes, quando embargam ou se irritam lembrando das tristezas ou alegrias do passado. Esse pesquisador “de fora” tem o distanciamento de tempo e do vivido, o que lhe permite uma análise mais profunda. O ambiente que cerca esse entrevistado pode ser descrito pelo pesquisador que vai agregar às vozes sua análise e impressões sobre o fato, sempre baseado na vivência que teve com o entrevistado.

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ DECOL, R *Op. cit.*

As histórias das vidas de seis imigrantes: Aída Blumenstine, Tâmara Egler, Sonia Rokab, Oswaldo Rokab, Becky Michaan e Maurice Michaan, serão em parte reveladas nesse texto, com enfoque em suas lembranças. O objetivo é conhecer um pouco mais de perto esse grupo através de depoimentos de alguns deles, como desenham suas identidades, como se relacionam na sociedade carioca. Eles contam sua vinda ao Brasil em 1957. Cada um tem seu relato, suas impressões sobre a cidade de Alexandria onde viveram a maior parte de suas vidas e da qual não imaginavam ter que sair um dia. A nostalgia, misturada com saudade e o gosto amargo da expulsão, transformam suas histórias em registro importante para a história da construção da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil.

O que chama atenção, além das referências exatas a monumentos, lojas, cinemas, teatros, praias, é a memória de cada um sobre a viagem e a instalação de suas famílias no Rio. Enquanto Léon lembra exatamente de quanto investiu em sua fábrica, o preço dos objetos, do quilo do algodão, Sonia, lembra dos cheiros e perfumes de sua cidade, do pôr-do-sol cor de abóbora, das lavadeiras à beira do Nilo, e do Rio como cidade nova e hospitaleira. Ela lamenta não assistir mais ao pôr-do-sol do norte da África, e Aída lembra com bom humor as trapalhadas da língua, os tempos difíceis em busca de emprego. Becky Michaan passou por espiã, foi presa, casou-se com Maurice Michaan, que ia visitá-la na cadeia. Ela foi acusada de participar de movimento sionista, apenas porque seu nome figurava na agenda de uma militante da causa sionista. A socióloga Tâmara Egler passou pelo Canal do Panamá antes de chegar ao Brasil, e lembra da mãe sempre com o conjunto de painéis pronto para ser embarcado caso tivessem que partir de surpresa.

A história oral que se utiliza da entrevista – um método criativo e cooperativo – quebra as barreiras entre a história acadêmica e o mundo exterior. É uma história do povo, construída em volta dele e por ele: é um meio de transformação radical da significação social da história. No caso dos judeus do Egito é a única maneira de conhecer de perto a saga desse grupo, que não registrou em livros, documentos ou arquivos sua história.

O que fascina na História Oral é seu compromisso com a vinculação ao momento presente. A História Oral pode subverter a interpretação do passado, a partir do próprio passado. Com isso, a realidade imediata estará todo tempo organizando a busca de explicações a qualquer passado.

Lendo Paul Thompson fica mais confortável ouvir os relatos desse grupo, quando ele afirma que as diferentes maneiras como uma história é contada é tão importante quanto seu conteúdo¹⁶.

No nosso caso vale ouvir/ler a fúria de Leon Lévy ao contar sua inexplicável saída de Alexandria:

Fomos obrigados a deixar o Egito logo após o armistício... depois da guerra do Sinai, o governo egípcio decretou duas leis que os ingleses, franceses e australianos que declararam guerra, também teriam de deixar o país, e os sionistas também.. Bem... Eles começaram sequestrando os bens.(...) eles sequestraram a maioria das fábricas de judeus, que são considerados sionistas, e deram 15 dias para deixar seu país. Eu era egípcio, minha mulher e' filha de franceses, e eles consideraram meu filho de 6 anos como inimigo público nº 1! E lhe deram 15 dias. Então, nesse momento, era dia 12 de dezembro, fui ao governo pedir para que deixassem minha mulher ficar aqui. Mas eles não aceitaram... Eles expulsaram minha mulher, eles expulsaram minha sogra e eles expulsaram meu filho. Eles tinham 15 dias para deixar o país. Fui obrigado a deixar o país... Não quiseram me dar um passe. Naquele momento não se podia deixar o país sem o exit visa, o visto de saída.

J – Em que ano?

L – Dezembro, 1956. Eu pedi, implorei. Muito. Eles não aceitaram. Fui obrigado a deixar o país. Agora tem uma coisa: pedi ao cara: escuta, eu tenho de voltar. Eu estava bem aqui. Você não pode sair' Levo minha mulher, instalo-os e volto. 'Por quê? Case com outra!' Mas meu filho! 'Você terá outros filhos'. Então fui obrigado a devolver meu passaporte e eles me deram um *laisser-passer*. 'Você perde tudo que tem aqui'. Paciência. Fui obrigado a sair;

Deixei o país dia 27 de dezembro. Quinze dias depois do aviso.” J – Por que o Brasil?

L – Porque foi o único país que nos concedeu o visto de entrada. Eu estava lá (na embaixada do Brasil no Cairo) no dia 24 de dezembro de 1956... Estava fechado. Então gritei, eu estava muito nervoso. Eu tinha que sair no dia seguinte. Não, dia 27 Por que você está

gritando? Está fechado! Não podia fazer nada. É véspera de natal. Volte depois do natal, dia 27. Mas dia 27 eu tenho de ir embora¹⁷.

A família Lévy era uma das mais tradicionais no Egito, e a história da vinda de Leon é saborosa, com ingredientes de teimosia que se mantiveram até quase o final da vida. Leon faleceu no ano de 2000, reclamando ainda de alguns hábitos cariocas que insistia em não incorporar. Leon sentia ainda uma certa tristeza na expulsão.

tivemos que sair em 15 dias como se fossemos criminosos, minha sogra, minha mulher, meu filho e eu, com 350 libras, que representavam 350 dólares.

Léon contou sua vida profissional. Conta, com orgulho, como montou várias fábricas com os irmãos no Rio, mal falando português. Suas memórias se direcionam para o lado prático, fala de seus irmãos (dez ao todo) sempre tendo como pano de fundo a vida profissional. Precisa ser perguntado sobre sua esposa, como a conheceu, para então falar da vida íntima.

Ao contrário, Sônia nem se lembra de quanto pôde carregar em moeda para deixar o Egito, perguntada sobre o assunto, não sabia. O que a marcou e o que se lembra com mais detalhes da época, era a irrealidade daquele momento. Ela já havia se casado com Osvaldo Rokab, um italiano boêmio:

Vimos 17 pessoas da mesma família no navio em 57. Os sogros, meus pais. Talvez por isso eu não percebesse o lado trágico da História. Na minha idade não se via o lado trágico. Talvez meus pais o realizassem. Deve ter sido muito mais difícil para eles do que para nós mais jovens. Nós tínhamos 21, 22, 23 anos (...) Tínhamos uma impressão estranha que parecia quase irreal. Era como se estivéssemos divididos. Nos víamos agindo, agíamos, mas não entendíamos a gravidade da situação. O Egito me deixou lembranças extremamente coloridas, extremamente luminosas. É um país lindo. (...) Nunca vi um por de sol tão espetacular¹⁸.

Lágrimas caíam de seus olhos durante a entrevista. Às vezes, ela pedia para parar a gravação para acalmar-se e depois retornava, pronta para mais algumas horas de conversa. Enquanto Sônia e Léon sentiram-se mais confortáveis em falar em francês, Aída, que chegou no Rio de Janeiro em abril

¹⁶ R. SAMUEL, P. THOMPSON (ed), *The myths we live by*, Routledge, London and New York, 1990, pp 3-21: p.2 *apud* Hélène Wallenborn.

¹⁷ Leon Lévy entrevista concedida no Rio de Janeiro em outubro de 1999.

¹⁸ Entrevista de Sonia Rokab. Rio de Janeiro, dezembro 1999

de 1957 com a irmã, os pais, o cunhado e a sobrinha recém-nascida, preferiu falar em português. A primeira lembrança ao chegar no Rio e encontrar uma prima carioca que não falava francês, foi a de ser alvo de chacota:

Entendi, depois de um esforço, que ela me convidava para tomar um sorvete, e fui. Vi na parede o negócio que estava marcado o que a gente ia comer, a única palavra que eu conseguia entenderem todo esse painel é cocô. Aí eu disse 'Je veux du cocô' e todo mundo ficou olhando pra mim, nãoera 'cocô', era côco. (...) todo mundo começou a rir e eu achando que eu tinha feito uma graça! Só mais tarde que eu entendi que eu estava falando de coisas que não se fala em ambiente público¹⁹

O fato das duas mulheres terem lembranças mais divertidas ou emocionais do que a de Leon, não pode tornar-se regra e fazer-se a partir de dois depoimentos uma análise de *gênero*. Becky Michaan, 67 anos em 2001, acabou presa por um crime que não cometeu:

Era amiga de Marcelle Ninio, que fazia 'boicotage' no Cairo, e eu não sabia. Eu trabalhava na embaixada do Japão quando vieram me avisar: tua amiga Marcelle foi presa. Era uma grande terrorista e pegou 25 anos de prisão. Hoje ela mora em Tel Aviv – há duas ruas com o nome dela. (...) Ficaram uns três meses atrás de mim. Foram na minha casa para ver se tinha algo. Fui depor no Ministério do Interior. Não sabia nada dela. Era 1953. Casei dois anos depois. Dia 2 de novembro de 1956 quando a guerra 'eclatou' a primeira presa fui eu²⁰.

Becky chorou muito ao lembrar desse episódio que há muitos anos não contava. Era a primeira lembrança quando perguntei como foi a saída do Egito. Mas, valente, não quis interromper e seguiu sua história:

A situação não estava boa para nós. Voltei para casa às 19h. O porteiro falou: pegaram seu marido. Fiz minha mala. E disse ao porteiro: você vai comigo de táxi. Fui ao Ministério do Interior. Jd conhecia as caras. Cadê meu marido? Me responderam: Agora que você veio ele vai embora. Era a pior prisão do mundo era a Citadelle. Uma escravidão – 280 mulheres de Ismaelia, de Alexandria. Havia dois baldes; um de xixi e um de água. Fiquei sete dias. Levaram num colégio israelita, feito Liessin. Só mulheres. Sem visitas. Era um colégio na sinagoga – Abraham Beth Esh. Ficamos lá dois meses. Todo dia chamavam algumas mulheres – campo de concentração.

¹⁹ Entrevista de Aída Blumenstine, em Miami, janeiro de 2000.

²⁰ Entrevista com Beky Michaan, no Rio de Janeiro, em 2001.

Dia 03 de janeiro de 1957 – soltaram 4, 5 mulheres. As que chamavam eram francesas, inglesas e holandesas; os parentes pegavam e levavam diretamente para avião. As apátridas iam de navio para Israel. No dia 4 de janeiro fui para o ministério do exterior e estava livre. Mas me ameaçaram: 'se você fizer qualquer coisa...' Voltamos para casa. Ele fez tudo para ir embora. Vendeu apartamento, móveis, a fábrica de chinelos. Saiu janeiro. Fevereiro viajou minha irmã. Fui embora em março. Cheguei no Rio de Janeiro em abril de 1957, recebidos por trovões. Eu queria ter ido para Genebra, mas Maurice queria o Brasil. Começamos a vida no Brasil com 9 contos de réis, 6US\$ para um conto de réis.

Essa negociação misteriosa que a memória faz com o próprio indivíduo para trazer de volta um passado que se atualiza quando está sendo contado. Para Muxel:

A memória familiar é primeiramente feita de uma história pessoal e sua reconstrução. Há romance nela. Uma ficção real através da qual o indivíduo, mobilizando seu passado, se dá um sentido. Isso mais ou menos voluntariamente e claramente mais ou menos conscientemente, mas o inconsciente é também um romancista fecundo²¹

A força do relato pessoal – apenas possível graças ao espaço conquistado pela História Oral, podem dar a dimensão da dor, da alegria e do humor e apontar para o estado de espírito em que se encontra – e se encontrava à época do ocorrido – o entrevistado. Esse grupo se define pela vida agradável que levava no Egito antes da Guerra de Suez e compartilha do duro momento de abandonar sua vida, país, a angústia e aflição de não saber ao certo para onde ir, como ir, que país é esse para onde vão. Essa marca fica impressa nas memórias de cada família que vai retransmitir a seus filhos à sua maneira, com seu enredo particular. Mas esse momento é um marco na identidade do grupo. Para Philippe Joutard:

(...) a memória é um elemento constitutivo da identidade. Assistimos, hoje, ao crescimento da força de todas as identidades, de sexo, de grupo, de religião, de nações, o que seria uma reação à globalização e a uma certa uniformização cultural (ao mesmo superficial). (...) Este fortalecimento das identidades, perfeitamente compreensível, pode ser a melhor ou a pior das coisas. Porque há identidades abertas e identidades fechadas e, sejamos realistas, espontaneamente a

²¹ Muxel, A. *Op. cit.* p10

identidade se fecha, porque defende o que acredita ser sua 'integridade', reage contra tudo que lhe parece estrangeiro, é exclusivista, e o perigo da xenofobia e do racismo não está distante. É em nome da memória e da identidade que os protestantes e católicos irlandeses vêm se matando, há décadas, e que ocorreram os enfrentamentos que conhecemos na antiga Iugoslávia. (...) Sobre este ponto, estamos na linha de frente, a história oral tem pesada responsabilidade: manejamos a 'dinamite' e, até, o 'nuclear'. Trazer à luz o patrimônio oral, instrumentalizado, pode contribuir para fortalecer as identidades simplificadoras, maniqueístas, que excluem, portadoras do ódio e da morte. Tenho a ilusão de acreditar que podemos ajudar as identidades fechadas a se abrirem, *desempenhando nosso papel pleno de historiadores e historiadoras, e não o de simples memorialistas. O memorialista se contenta em escutar, recolher fielmente, sem jamais intervir nem tomar a mínima distância; seu silêncio vale aprovação, para não dizer adesão. O historiador não deixa de ouvir e recolher, mas sabe que deve se distanciar, que a simpatia necessária, virtude cardeal do bom entrevistador, não deve cegá-lo nem privá-lo da lucidez*²².

A experiência de Tamara é a visão de uma garota que brincava em 1956 nos jardins do rei, ainda tinha boneca, sofreu uma reviravolta, viu-se dentro de uma situação de guerra.

A minha infância foi passada no jardim e, quando veio a Guerra, nós, a minha família, a minha mãe é uma pessoa muito perceptiva, então nós não esperamos a eclosão da Guerra, que apesar dessa condição absolutamente confortável tanto familiar quanto econômica, de um crescimento que a minha família estava vivenciando. Teve um dia assim, nós estávamos passando férias numa praia, você sabe, lá tinha assim, a cidade e a praia, era tudo muito próximo, mas quando chegavam as férias, nós alugávamos uma casa e a gente então ia para aquele lugar passar as férias. E de vez em quando meus pais voltavam à noite pra fazer alguma coisa na cidade, enfim, pegar alguma coisa, e numa dessas idas a minha mãe passou por uma praça pública aonde tinha dois bonecos judeus que tavam sendo malhados, era uma execução. Naquele momento a minha mãe falou pro meu pai: nós vamos embora, porque nós não podemos ficar aqui. Então eu

me lembro, num dia eu voltei da escola e minha mãe falou assim: eu vou te contar um segredo, e ela tava com uma caixa de, é uma caixa onde eu colocava ..., eu tinha uma amiga que morava do lado da nossa casa, ela não era judia, ela chamava Doris e nós duas passávamos a tarde fazendo roupa de boneca, e eu tinha uma caixa com as roupas de bonecas que eu ia fazendo à tarde, a mamãe me deu essa caixa e falou você vai dar essa caixa de presente pra sua amiga que nós vamos viajar e você não pode levar isso e você não pode contar pra ninguém que a gente vai viajar. E foi assim feito. Uma semana depois nós viajamos eu, minha mãe e meu irmão. E meu pai ficou no Egito para vender o que tínhamos. E nós fomos para Itália.

Em que ano?

1956. (...) Então, da noite pro dia, eu me lembro do navio, foi um navio italiano que a gente chegou. Eu não lembro da chegada, eu acho que a gente chegou em Gênova e pegamos um trem pra Milão. Eu, minha mãe, meu irmão, nós fomos pra Milão. E, de repente, um novo mundo. A minha mãe me disse: a gente fecha a porta e não olha pra trás. Só olha pra frente. Ela deixou uma casa, a família, uma condição econômica, e eu me lembro que ela levou na mala uma frigideira, uma caneta, um relógio, eu tenho o relógio dela até hoje, aí, um conjunto de potes de alumínio que colocava um dentro do outro. Tinha assim café coado, açúcar, farinha pra colocar as coisas, essa peças a gente tem até hoje. O essencial pra sobrevivência, uma panela, uma frigideira e aqueles potes²³.

Esses relatos iniciais são apenas as impressões de saída de cada um. Um dos motivos que levou Maurice a escolher o Brasil como destino para sair do Egito foi o livro de Stephan Zweig que acabara de ler em 56, Brasil, o país do futuro. Nascido em 1926, Maurice é tenista aficionado, não perde um torneio em Roland Garros, paixão que cultivava desde o Egito. Becky costuma dizer que ele "é casado com uma raquete".

Entre aqui no Brasil como sapateiro. Queria o Brasil, tinha esperança. Vi minha família em Israel. Tavam todos na pior²⁴.

A preocupação com o trabalho era uma constante nos relatos: o que fazer nesse novo país? Tinham de enfrentar uma nova questão a de

²² JOUTARD, Philippe in FERREIRA, Manieta de Moraes, FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena (orgs) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-FGV, 2000. p.43.

²³ Entrevista com Tâmara Eglar.

²⁴ Entrevista com Maurice Michaan, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 2000.

recomeçar uma vida em solo completamente estrangeiro. Oswaldo Rokab pensou até em ir para o Canadá:

A escolha do país foi rapidamente decidida. A maioria dos países fechavam as portas aos estrangeiros mais velhos. Eu, por exemplo, poderia trabalhar nos Estados Unidos. Tinha a possibilidade de ir aos EUA, mas nossos pais não poderiam. Não poderiam de forma alguma. Considerávamos a Europa como um país velho. Seria muito difícil de recomeçar a vida. Então pensamos num país jovem. O Canadá me parecia um país muito frio. E depois o Brasil nos parecia realmente o país do futuro, o país que nos acolheria a todos. E foi exatamente o que aconteceu. Saímos todos como uma grande tribo, éramos 17 no navio²⁵.

Nenhum dos entrevistados reclamou de sua escolha. Rapidamente encontraram empregos, integraram-se em grupos de judeus ou de não judeus, trabalham em diversas atividades, alguns já se aposentaram. Estão acostumados a lidar com um país pluriétnico. Se o Egito era cosmopolita um salad-bowl onde conviviam várias etnias, eles chegaram numa cidade que é um melting-pot, onde tudo se mistura, onde o sincretismo religioso, a praia, a culinária ajudam na integração e inserção na sociedade. O domínio das línguas estrangeiras sempre foi um ponto a mais não somente na integração como na admiração da população local. Afinal quem são esses estrangeiros que vieram da África, falam francês, inglês, árabe e italiano têm religião própria e se integram rapidamente no contexto da cidade do Rio de Janeiro?

²⁵ Entrevista com Oswaldo Rokab, Rio de Janeiro, dezembro de 1999.